

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E EM ESPANHA
21 e 24 de Abril de 2026

Evdokia / 1971

um filme de ALEXIS DAMIANOS

Realização, Argumento: Alexis Damianos *Adaptação, Diálogos:* John Baldwin *Fotografia* (35 mm): Christos Mangos *Som:* Tony Anscombe, Don Deacon *Montagem:* Matt McCarthy, Andreas Andreadakis *Música:* Manos Loizos *Interpretação:* Maria Vassiliou (Evdokia), Giorgos Koutouzis (Sargento Baskos), Koula Agagiotou (Maria Koutroubi), Christos Zorbas (Girogos), Vassilis Panayiotopoulos, Paulos Roussos, Dinos Doulgerakis, Nasos Katakouzinis (Nontas), Kostas Rigas, etc.

Produção: Poreia Katamor Productions (Grécia, 1971) *Produtor:* Artemis Kapasakali *Cópia:* DCP (digitalização e restauro em 4K a partir dos negativos 35 mm em 2021), cor e sépia, falado em grego e turco com legendas em inglês e legendado electronicamente em português, 92 minutos *Estreia:* 21 de Setembro de 1971, Festival Internacional de Cinema de Tessalónica, Grécia *Inédito Comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca.*

Mulheres de Atenas, a canção de Chico Buarque e Augusto Boal, foi escrita em 1976, uns anos depois da estreia de EVDOKIA, o filme com nome de mulher¹, de Alexis Damianos, em que esse papel protagonista é interpretado por Maria Vassiliou. Como Portugal e Espanha, a Grécia vivia, no início dos anos 1970, sob um regime ditatorial do qual havia de libertar-se, em sincronia revolucionária europeia com a península ibérica, em 1974, 75, no caso de Espanha, onde o franquismo sobreviveu um ano aos regimes do Estado Novo português e da Junta Grega dos Coronéis. É o motivo deste programa que sintoniza “a queda das ditaduras e a emergência dos cinemas novos”, mas, do outro lado do Atlântico, também o Brasil de Chico e Boal vivia em ditadura militar, sequestrado na violência do regime autoritário, patriarcal, torturador que perdurou entre 1964 e 1985 (com a transição da Abertura a rondar a mesma época europeia). É essa condição que Chico Buarque canta usando a referência histórica das mulheres atenienses a partir da figura de Penélope, na *Odisseia*, ou da *Lisístrata* de Aristófanes, adaptada em *Lisa, a Mulher Libertadora*. A canção foi composta para essa peça de Boal, celebrando a força feminina na resistência da luta contra a opressão, pela liberdade.

Evdokia é uma mulher de Atenas, mas literalmente uma mulher de Atenas, ou dos baldios de Atenas, e não exactamente com marido herói e amante, orgulho e raça de Atenas, como na canção. A personagem de Maria Vassiliou, depois actriz de Omiros Efstratiadis em *TA PAIDIA TON LOULOU DION* (1973) e Theo Angelopoulos em *O THIASOS* (“Os Comediantes”, 1975), é uma jovem prostituta, uma rapariga cheia de vida, cujo espelho é Maria, interpretada por Koula Agagiotou, a mulher mais velha que imaginamos com a mesma vitalidade de juventude e vemos castigada pela vida mas não neutralizada. São delas as primeiras e últimas cenas de EVDOKIA, entre a leitura de borras de café, uma dança e o *flashback* da vida passada de Maria que limita a história do desencontro amoroso de Evdokia com o jovem sargento Baskos. São elas as mulheres da Atenas deste filme de cores mediterrânicas, grande claridade de tons (não é pormenor, é elemento estruturante), conflitos abertos, sombras vincadas no retrato marcado a ferro e fogo pelo peso castrador de uma sociedade militar enraizada no totalitarismo da perspectiva autoritária e machista do mundo – transparentes motivos com os quais contrastam o espírito livre, a energia de Evdokia.

Filmado com poucos meios e actores amadores, EVDOKIA tornou-se uma obra emblemática da cinematografia grega, um marco absoluto do Novo Cinema Grego, uma referência da cultura grega indissociável do reconhecimento tardio de Alexis Damianos (1921-2006) como autor de grande influência no século XX. Cineasta raro por temperamento e em número de obras escritas e realizadas, apenas três, Damianos foi, na sua vida no teatro e na subsequente vida no cinema, actor e autor: no teatro desde cedo, acumulando os papéis de actor, dramaturgo e encenador; no cinema, além de argumentista e realizador, também actor em dois dos seus filmes e em filmes alheios, até 1998. Em suma, um criador discreto que trabalhou em densidade. No cinema, contam-se ...MECHRI TO PLOIO (“Até ao Navio”, 1966; apresentado na Cinemateca em 2019 com a *Tainiothiki tis Ellados*), reconhecido como uma das primeiras expressões dessa nova vaga grega; EVDOKIA que, em meados dos anos 1980, foi aclamado, pela crítica do seu país, como “o melhor filme grego de todos os tempos”; e ENIOCHOS (“O Cocheiro”, 1995), no qual Damianos, após uma temporada dedicada à agricultura e à realização televisiva (*PATOUCHAS*, 1983), empenhou vários anos de trabalho e que, como ...MECHRI TO PLOIO, organizou numa espécie de tríptico. Depois de ter protagonizado a sua primeira obra, é em ENIOCHOS que, de novo, dos dois lados da câmara, interpreta um papel.

Lê-se numa nota biográfica disponível em linha que o cineasta “cresceu numa Grécia turbulenta, marcada pela guerra, pela agitação social e por contradições profundas. Estas experiências atravessam a sua obra, não por via de comentários directos, mas de personagens que lutam silenciosamente contra os limites da liberdade, do destino e da opressão social”. Da documentação existente, também é aferível que a formação em teatro, e em filosofia, foi determinante na sua visão artística. Destaca a mesma fonte que “a presença humana, a linguagem, o silêncio e a intensidade emocional sempre desempenharam um papel central na obra [de Damianos]. Não é por acaso que os seus filmes mantêm fortes elementos teatrais – como escolha artística consciente. O diálogo é escasso, o movimento é contido e a câmara actua muitas vezes como observadora de uma situação dramática. Damianos nunca utilizou o cinema para impressionar; utilizou-o para revelar.” Trata-se de um artista “que pertence em pleno ao panteão dos grandes cineastas gregos” escreveu Olaf Möller na *Film Comment* (Março/Abril de 2007, “Cinemythos”). E foi mais longe, notando o desconhecimento de Damianos fora da Grécia, onde era considerado indomável.

Nesse perfil que enaltece a figura e a obra, iniciada aos 25 anos em plena guerra civil e sobrevivente à ocupação alemã, Möller nota a rebeldia essencial de Damianos defendendo *EVDOKIA* como “uma simples canção”, por contraponto ao barroco operático de *ENIOCHOS*, e uma continuação de *...MECHRI TO PLOIO*, pelo menos nas cenas iniciais portuárias: “*EVDOKIA* teve uma recepção mista. A Grécia estava sob ditadura militar desde 1967, e compreensivelmente a exaltação que o filme faz dos soldados suscitou pouco entusiasmo. A sua beleza primitiva e essencial, hoje indiscutível, tal como as extraordinárias experiências de Damiano com a cor foram, na época, apreciadas apenas por uns poucos (e que cores aquelas: opalas suaves, esmeraldas acinzentadas, um mar de azuis-marinhos, o amarelo e os sóis sangrentos...) Da mesma maneira, só anos mais tarde a corrente subjacente de desdém e desespero do filme, realçada pelo seu existencialismo neo-grego, se tornou claramente visível. E não há nele nada de transcendental, *EVDOKIA* gira essencialmente em torno da transitoriedade da vida: em última instância, tudo há-de passar, até os militares. Sobram os momentos de êxtase em que a vida é plenamente vivida, para lá de qualquer sentido de ordem – ao passo que a manutenção da ordem é a base de todas as ditaduras. Mas a experiência da beleza do exercício militar no campo e o desfile cerimonioso enraízam-se numa sensação de futilidade, como no filme elegíaco de John Ford de 1955, *THE LONG GRAY LINE*.”

A geometria formal de tais cenas, rigorosamente encenadas e filmadas, está no extremo oposto à sequência mais selvagem, perturbadora, sensualista do filme, a cena que não é possível esquecer em *EDVOKIA*, mais do lado de Jean Renoir do que de Ford (*UNE PARTIE DE CAMPAGNE, LE DÉJEUNER SUR L'HERBE*), o passeio ao campo dos dois amantes, antes do casamento, do julgamento social e individual que num primeiro momento deixa por casar a noiva vestida de branco, indiciando a desgraça irremediável das personagens que de facto se cumpre na repressão que contamina o mais aberto dos ambientes. Nessa cena transbordante os jovens apaixonados vão por campos e bosques, movendo-se nos verdes manchados de luz, em harmonia com a natureza e com o seu próprio êxtase, oscilando na euforia e na vertigem do baloiço de corda que se eleva no ar sobre uma funda, aparentemente literal, vertigem. Questão de *mise-en-scène*, com o fulgor dos planos, a insistência na oscilação repetitiva, na duração, no espanto dos próprios actores de acordo com a natureza, é claramente uma cena de antologia, ao mesmo tempo um bloco que se suspende do filme e que lhe pertence inteiramente.

Os rituais do baile, da dança, com as coreografias que posicionam os corpos e os movimentos dos corpos no quadro, apõem-se ao protocolo rígido do cerimonial militar que favorece as linhas, e já não a figura da espiral e a do círculo perturbados por tropeções e solavancos noctívagos, imprevistos de doçura ou violência. A dicotomia, o simplismo binário encenado em bailados de maior complexidade e subtilidade, os contrastes indivíduo, normalização social; feminino, masculino; sensualidade, disciplina militar; espontaneidade vital, rigidez mortífera; o desejo e o desprezo, dão substância e forma ao drama de *EVDOKIA*. No qual, refira-se, a música de Manos Loizos é também estruturante, quando é preciso trabalhando a *zeibekiko*, a dança popular grega. Em *EVDOKIA* – é uma sensação forte – há chaves que requerem o domínio das coordenadas da história e da cultura grega. Isto dito, nada impede apreciar o que está a montante e a jusante, da ordem essencial do cinema. Há uma (outra) cena exemplar disso, a da dança em espelho das duas mulheres, semidespidas num improviso final dentro de casa de uma delas, uma cena cheia de fúria, graça, dignidade.

Maria João Madeira

ⁱ É uma curiosidade, fica em nota: era uma vez houve um programa intitulado “Filmes com nome de mulher”, organizado na Cinemateca, em 2008, no qual se cruzaram LAURA, ROSETTA, ADRIANA, RUBY GENTRY, SUSANA, DEMÓNIO Y CARNE, CHRISTINE, CAMILLE, ESTHER KHAN, TERESA VENERDI, JEZEBEL, JULIA, GIGI, NATHALIE GRANGER, LORNA, REBECCA, MARY, DAISY MILLER, GUENDALINA. *EVDOKIA* faz parte do círculo mais alargad\o dessa família de ocasião.